

A interpretação aludida: sua relação com as vivências e comunicações pré-verbais¹

The alluded to interpretation: its relationship with pre-verbal experiences and communications

Anna Kattrin Kemper

Resumo

A autora considera que a interpretação aludida através de frases incompletas, frases de aparência não lógica, palavras isoladas, sons e, se for o caso, de mímica e gestos possui, em certas situações analíticas, maior eficiência terapêutica do que a interpretação tradicional, lógico-discursiva. Ilustrando o seu ponto de vista, enfatiza os seguintes aspectos: 1) A decisiva importância, para a evolução do ser humano, das radiações, percepções e comunicações atmosféricas emocionais, desde o início de sua vida. 2) O significado patogênico das atmosferas traumáticas durante o processo de desenvolvimento da linguagem capazes de limitar e perturbar a comunicação com o mundo ambiental. 3) Em certas fases de determinadas análises, as interpretações diretas e imediatas não atingem com suficiente profundidade as camadas vivenciais arcaicas do paciente, tornando-se desta forma inassimiláveis para o seu ego fraco e pré-verbal. 4) As interpretações aludidas além de estarem mais próximas aos níveis vivenciais arcaicos do paciente, permitem evitar a defesa intelectualizadora. 5) Em certos períodos da análise, as interpretações aludidas mostram-se mais favoráveis aos processos de amplificação e clarificação das vivências atmosféricas difusas do paciente, cuja remobilização é decisiva ao êxito terapêutico. Além disto, tais interpretações dão ao paciente maiores chances de chegar por si mesmo aos “insights” sobre o seu mundo interno patológico. 6) As interpretações aludidas podem desencadear a capacidade de reação motora do paciente de maneira produtiva para a análise. 7) A autora, ao expor as vantagens da interpretação aludida, não pretende subestimar a atividade interpretativa tradicional. Esta pode, inclusive, ser preparada por aquela de modo a tornar-se mais eficiente. 6) The mentioned interpretations can trigger the patient’s motor reaction capacity in a productive way for the analysis. 7) The author, when explaining the advantages of the mentioned interpretation, does not intend to underestimate the traditional interpretative activity. The latter can even be prepared by the former in order to become more efficient.

Palavras-chave: Interpretação aludida; interpretação tradicional e lógico-discursiva, ego frágil pré-verbal.

1. Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, IV Congresso Psicanalítico Latino-Americano, Rio de Janeiro, junho de 1962.

Abstract

The author considers that the interpretation alluded to through incomplete sentences, sentences that appear illogical, isolated words, sounds and, if applicable, mimicry and gestures has, in certain analytical situations, greater therapeutic efficiency than the traditional, logical-discursive interpretation. Illustrating her point of view, she emphasizes the following aspects: 1) The decisive importance, for the evolution of the human being, of emotional atmospheric radiations, perceptions and communications, from the beginning of his life. 2) The pathogenic significance of traumatic atmospheres during the process of language development, capable of limiting and disturbing communication with the environmental world. 3) In certain phases of certain analyses, direct and immediate interpretations do not reach the patient's archaic experiential layers with sufficient depth, thus becoming inassimilable for his/her weak and pre-verbal ego. 4) The interpretations mentioned, in addition to being closer to the patient's archaic experiential levels, allow the avoidance of intellectualizing defense. 5) At certain periods of the analysis, the interpretations mentioned above are more favorable to the processes of amplification and clarification of the patient's diffuse atmospheric experiences, whose remobilization is decisive for therapeutic success. Furthermore, such interpretations give the patient greater chances of arriving at "insights" about his/her pathological internal world on his/her own.

Keywords: *Alluded to interpretation; traditional and logical-discursive interpretation, pre-verbal fragile ego.*

Índice

I- Interpretação aludida: Definição do termo

II- Fatores condicionantes e estimulantes

- (a) Análises acabadas;
- (b) Importância de influências atmosféricas;
- (c) Experiência em casos de análise de criança pequena;
- (d) Aplicação de uma língua estrangeira muito limitada;
- (e) Considerações em torno do desenvolvimento da linguagem das etapas desse desenvolvimento.

III- Considerações gerais em relação a vivências específicas, durante o desenvolvimento da linguagem

IV- Comunicações mudas, a linguagem do inconsciente

V- Da motivação e alvo da aplicação da interpretação aludida como meio legítimo no processo analítico

- (a) Considerações especiais;
- (b) Algumas considerações relativas às interpretações de caráter geral;
- (c) Variações de interpretações em função do estado do Ego;
- (d) Do aspecto de transmissão e transferência atmosférica;

VI- Da interpretação aludida em função do processo de amplificação e de clarificação

- (a) Considerações de caráter geral;
- (b) Concentração nas comunicações atmosféricas para amplificação e clarificação;
- (c) A repetição do material e alusão a “pontos de referência”;
- (d) Reconhecimento próprio, possibilitado pela amplificação e clarificação;
- (e) Aspectos especiais da interpretação aludida, em relação com a dosagem e preparação, na sua focalização simultânea de determinações diferentes; sua influência na “capacidade de reação motora” motora no processo de amplificação e de clarificação.

VII - Do aspecto dinâmico da interpretação aludida, aplicada na análise como variação da técnica analítica.

A interpretação aludida

Sua relação com as vivências e comunicações pré-verbais.

Experiências sucessivas não correspondem a resultados definitivos. A busca de novos caminhos garante o advento e o movimento dinâmico das ciências; assim também, ao contrário, os métodos aplicados e já consagrados correm o risco de estagnação (HARTMANN).

Observação preliminar: Se, no presente trabalho, se compara a interpretação aludida com a interpretação direta e imediata, em favor da primeira, não quer isso dizer que se coloque a interpretação direta e imediata em segundo plano. O constante paralelo entre estas duas formas de interpretação é decorrência da conceituação especial que temos em mira, para seu melhor esclarecimento.

I- Definição do termo

Interpretação aludida, conceito por mim introduzido – já há muitos anos em seminários e supervisões – significa uma comunicação verbal e atmosférica dentro do processo analítico, por meio de frases incompletas, frases de construção não lógica, palavras isoladas e sons, gestos, mímica, com finalidade de aludir a manifestações presentes do paciente e às manifestações especialmente significativas ocorridas anteriormente no processo da análise.

II- Fatores condicionantes e estimulantes

Em certos casos e em certas fases da análise, a interpretação aludida pode remobilizar percepções, sensações, imagens, e vivências muito remotas, que fazem parte do estágio pré-verbal, de maneira mais eficiente do que a interpretação direta, imediata, em frases completas. Esta hipótese, a meu ver, pode fundamentar-se nos seguintes dados:

(a) A verificação de que depois de acabada a análise, o indivíduo reage às vezes regressivamente em situações problemáticas que põem à prova seus ajustamentos prévios. Esta verificação nos permite supor que as situações e os conflitos patológicos não foram atingidos nas camadas mais profundas pela análise. Podemos observar, por exemplo, que um indivíduo que adquiriu em

sua análise, capacidades expansivas, produtivas pela liberação de bloqueios agressivos continua limitado nas suas relações com o ambiente, sob o aspecto de reações tolerantes e de dedicação amorosa.

(b)O crescente reconhecimento da importância das “influências atmosféricas”, no processo analítico, tema este, por exemplo, desde há muitos anos tratado em publicações sobre contratransferência.

(c)A minha experiência com três casos de mutismo, crianças entre 3 e 5 anos (mudez completa e surdez parcial), que me obrigaram a comunicações interpretativas através de “simbolizações”, sons e poucas palavras; a minha experiência em análise infantil, especialmente com crianças ao redor do terceiro ano, e em diversos *borderline-cases*.

(d)O fato de ter eu iniciado minha atividade analítica em língua portuguesa com um conhecimento muito limitado deste idioma.

(e)O estudo das percepções, sensações, imagens e vivências específicas durante o desenvolvimento da linguagem que, no presente trabalho, exige consideração especial.

Podem diferenciar-se três etapas no desenvolvimento da linguagem:

I-A linguagem dos sons (cerca de terceira semana até os seis meses), correspondendo principalmente a percepções e comunicações atmosféricas entre a criança e seus familiares.

II-A linguagem simbólica (cerca de 6 meses até os 12 a 15 meses) que corresponde a comunicações em sílabas ou palavras formadas de maneira individual, cuja significação se refere, de modo simbólico, a determinadas pessoas e objetos do mundo íntimo e ambiental.

III-A linguagem em palavras adequadas e frases (cerca de um ano e daí em diante), aplicadas de maneira mais concreta às relações ambientais.

III – Considerações gerais em relação a imagens e vivências específicas durante o desenvolvimento da linguagem

A criança pequena tenta tomar contato mais intenso com o mundo ambiental através de comunicações verbais. Quando tais comunicações encontram aprovação, isto é, resposta compreensiva, a criança se sente capaz de novas ações que possibilitam sobretudo o processo de aprendizagem de modo mais intenso do que anteriormente. Se, porém, a resposta for negativa, então ela se retrai. O Ego da criança pode receber ou não estímulos decisivos para seu desenvolvimento na

época da formação da linguagem. O desenvolvimento desta em palavras adequadas corresponde, ao desejo da criança pequena de saber e de aprender (“quero saber e aprender o que não sei”), enquanto que a comunicação não adequada à palavra se relaciona mais com as necessidades num sentido de “quero sentir que sou compreendido e aceito”. A significação existencial do contato verbal para a criança pequena pode ser magnificamente ilustrada através de uma velha lenda asiática. Conta essa lenda que as babás de um grupo de meninos foram proibidas de lhes dirigir a palavra e que os pequenos, vitimados por tal silêncio, morreram. [Citado por Dührssem (5)]. Podemos imaginar que, se a criança pequena, ao comunicar-se com sons ou com palavras simbolicamente significativas, encontra respostas só em frases completas que correspondam mais aos motivos racionais, ou às manifestações de amor “insistente ou exigente” – a sua compreensão e a sua disposição a relacionar-se sofram sensíveis limitações; ao passo que a resposta a tais comunicações da criança sob a forma de sons e algumas palavras de aprovação, numa atmosfera receptiva, possibilita reações comunicativas, no bom sentido primitivo. A atmosfera de contato verbal é para a criança pequena de importância decisiva, tanto nas expansões presentes como nas futuras. A capacidade receptiva da criança pequena se concentra, por exemplo, ao escutar uma canção, na melodia, no ritmo, e só muito mais tarde, ela se mostra capaz de compreender as palavras que os acompanham. Uma melodia cantarolada corresponde mais ao nível primitivo da criança do que uma canção com palavras. A criança que se assusta com vozes altas e secas, teme a atmosfera irritada ou zangada, e pode se sentir insultada por uma voz estridente e dura; fenômeno este que tantas vezes se põe em evidência na angústia diante do trovão ou de outros ruídos de tempestade.

Repito: A criança no estágio pré-verbal não compreende as palavras; ela percebe a comunicação através da tonalidade atmosférica. “A linguagem da voz” expressão empregada por L.A. Binswanger (7) tem uma influência marcante nas percepções atmosféricas da criança, e daí, resulta ou não, que ela se sinta mais ligada às relações íntimas, ou mais afastada destas. No segundo caso, do afastamento, ela pode fazer uma regressão intensa e chegar ao ponto extremo: autismo.

É lícito supor que as percepções, sensações e vivências, isto é, os engramas da primeira e da segunda etapa do desenvolvimento da linguagem, estão submetidos predominantemente à memória inconsciente e pré-consciente; enquanto os da terceira etapa podem tornar-se, cada vez mais dependentes da memória consciente².

2. No trabalho presente são considerados os seguintes autores que se dedicaram especialmente ao desenvolvimento infantil (2) (3) (4) (5) (6).

IV – Comunicações mudas, a linguagem do inconsciente

As comunicações aludidas e mudas, elementos significativos na inter-relação humana, constituem transmissões específicas das diferentes condições de cada ser. Essas comunicações pré-lógicas têm, dada a sua constelação especial, uma influência atmosférica especialmente significativa nas relações ambientais.

Falamos na psicanálise da linguagem do sonho, da linguagem corporal, que correspondem a comunicações do inconsciente. Encontram-se também transmissões inconscientes filogenéticas, na linguagem da mitologia, e do folclore. Igualmente, se acham equivalentes da linguagem de sinais e de gestos do “primitivo”, nas expressões da criança e do obsessivo, como manifestação do inconsciente, para evitar de modo mágico, conjurativo, isto é, pré-lógico, as palavras enunciadas (8).

Ademais, sabemos que o silêncio espontâneo pode corresponder tanto à comunicação da mais profunda negação e hostilidade, como também à comoção profunda – à correspondência absoluta. Já nas representações de pantomima, podemos observar a expressão artística das comunicações mudas.

Tais exemplos evidenciam fortes comunicações mudas e aludidas que irradiam atmosferas intensas e diferenciadas, constituindo a transmissão simbólica ou pré-lógica, e não a comunicação verbal no sentido lógico-discursivo.

V – Motivação e alvo da interpretação aludida

A experiência com a interpretação aludida se baseia na aplicação da mesma, por mim própria, durante muitos anos, no processo analítico. Também verifiquei que a sua aplicação não depende tanto da individualidade específica do terapeuta, uma vez que foi possível transmiti-la com êxito, aos candidatos em supervisão.

a) Considerações Especiais

Minha concepção do que a interpretação aludida pode em certos casos, atingir as camadas primitivas de maneira mais assimilável, do que as interpretações em frases completas, toma em consideração as percepções atmosféricas desde o início da existência humana, inclusive as do estado intrauterino, e as percepções, sensações e imagens específicas das diferentes etapas do desenvolvimento da linguagem.

Não poucas vezes deparamos-nos na análise com situações análogas às encontradas no desenvolvimento infantil. As manifestações mudas e simbóli-

cas expressas pelo paciente, correspondem, de certa maneira, ao desenvolvimento remoto da relação objetal. As interpretações em frases completas nem sempre atingem, a meu ver, as imagens e sensações de caráter primitivo simbólico desse tempo remoto.

O apelo predominantemente lógico da interpretação em frases completas não corresponde em certos casos, e em certas fases da análise, à necessidade do desenvolvimento do paciente. O fato de que a memória dos dois primeiros anos de vida se manifesta em geral, nas análises, só em sonhos simbólicos, em sensações, imagens e em angústias vagas, absurdas, difusas e persecutórias, ou então pela linguagem corporal e não pela memória e comunicações mais ou menos exatas, fala em favor da concepção de que a percepção mnemônica – a difusa revivência de engramas no estado primitivo – pode às vezes ser mais intensamente conseguida pela interpretação aludida, por causa de sua forma mais primitiva, do que pela interpretação direta. A interpretação direta, que pode impressionar como um apelo verbal lógico-discursivo corre o risco, em certos casos e em certas fases da análise, de negar ou de não atingir bastante as imagens e vivências pré-lógicas. Por sua vez, a interpretação aludida estimula mais as imagens, “o mundo das fantasias”, porque serve mais à participação primitiva.

A capacidade do paciente em reconhecer e assimilar interpretações diretas pode se revelar extremamente limitada, em determinadas situações. O Ego primitivo ou temporalmente primitivo corresponde, nas suas percepções e compreensões, mais ao estado pré-verbal em que falta a capacidade para assimilar as comunicações por meio de uma linguagem mais desenvolvida. Que, já existem movimentos dentro da psicanálise para considerar o Ego fraco do ponto de vista terapêutico, se revela de maneira especial nos relatórios sobre “variações de técnica analítica” do Congresso de Psicanálise de Paris, 1957. (9) (10) (11) (12). A interpretação em frase completa que corresponde pela sua estrutura lógico-discursiva, a um nível do intelecto mais elevado, pode se distanciar e não alcançar as vivências de camadas primitivas pré-lógicas e pré-verbais. A interpretação direta, e, em cada caso, imediata, pode desrespeitar as comunicações primitivo – simbólicas, do paciente e corre o perigo de restringir o clima emocional da análise, em consequência da dominância racional.

Com relação a esse perigo se manifesta Fenichel (13) no sentido de que:

Muitos pacientes se retiram do mundo dos sentimentos para o mundo dos conceitos e que, mesmo neste mundo, eles regridem para o mundo das palavras vazias. Uma vez que o tratamento psicanalítico quer influenciar os senti-

mentos através de palavras, se torna compreensível o perigo que existe de que as palavras trocadas entre o paciente e o analista possam ficar isoladas dentro da esfera verbal ou conceitual, apenas.

Certas sensações e imagens arcaicas, que não fazem parte do estágio verbal, não se deixam comunicar verbalmente. Por isso, podemos imaginar que a interpretação aludida, que se concentra de maneira especial em poucas palavras, na re-percepção e na re-vivência atmosférica, representa um eficaz meio terapêutico para atingir as camadas primitivas sem desafiar demasiadamente as defesas.

Outra consideração que fala também a favor da aplicação da interpretação aludida é a seguinte: Sabemos que a individualidade do paciente, o grau de sensibilidade, de emotividade, de vitalidade e de inteligência representa fatores na análise que obrigam o analista a uma adaptação aproximada ao nível do paciente. Assim, na análise infantil, precisamos não só nos adaptar mais ou menos à linguagem da criança, como igual – e especialmente à sua capacidade de compreensão.

b) Algumas considerações de caráter geral, relativas às interpretações

A interpretação aludida corresponde, pela sua forma mais primitiva, a uma participação e aproximação das camadas arcaicas do paciente. Através da interpretação aludida, o analista se adapta ao nível arcaico do paciente.

Assim, pode o paciente vivenciar que há algo em comum entre ele e o analista. A significação múltipla da palavra, a tonalidade de sua pronúncia, representam, na situação analítica, uma condição que se torna estimulante para as reações projetivas do paciente. Além disso, não podemos negar que a “linguagem em comum”, a “linguagem sintonizada” entre o paciente e o analista, possibilita, afinal, o entendimento necessário.

A linguagem em comum, o entendimento que se estabelece, durante o processo analítico, principalmente através de irradiações e percepções atmosféricas, não projetivas, no sentido de tom e eco contribuem a meu ver, de maneira decisiva para a cura. Se o paciente percebe o ambiente comunicativo, pode responder de modo espontâneo; caso contrário, corre o risco de ficar submetido demais às reações projetivas que limitam o processo de amadurecimento. Reconhecemos a necessidade de identificação com o paciente como meio importante para as interpretações adequadas, seja quanto à maneira, à dosagem e ao tempo de tais interpretações. Focalizamos as interpretações sob o aspecto transferencial. Sabemos que as interpretações estão afinal em função de tornar consciente o que é inconsciente. Parece-nos, entretanto, que até ago-

ra o que ainda não tem sido bastante formulado é o fator individual da interpretação. Se temos que considerar a individualidade do paciente do ponto de vista da interpretação, temos também, da mesma maneira, que respeitar a individualidade do analista. As normas técnicas, absolutamente necessárias, não excluem a consideração de reações individuais do analista. Acho que o processo analítico, apesar de seu aspecto artificial, condicionado especialmente pela função transferencial e pelas restrições impostas pela abstinência, representa uma inter-relação humana, que exige do analista, para seu melhor domínio, não só o controle crítico, constante, como também uma sensibilidade acentuada e uma capacidade de imaginação e compenetração ampla, condições estas que significam características especiais e pessoais. Desejo apenas exprimir com essas poucas considerações – e aqui relembro as palavras de Hartmann, que serve de epígrafe, a este trabalho – a opinião de que apesar de experiências técnicas válidas, a psicanálise, como ciência dinâmica, nunca poderá entrar em um estado absolutamente definitivo quanto às suas concepções. Neste sentido repito, mais uma vez que não chegamos a atingir nosso objetivo em certos casos e, em certas etapas de determinadas análises através da aplicação constante de interpretação em frases completas, baseadas na compreensão lógico-discursiva. Pela aplicação constante da interpretação lógico-discursiva, podem escapar-nos a remobilização de sensações e imagens difusas, vagas, das atmosferas traumáticas, especialmente as do primeiro ano de vida. A concepção de que a interpretação direta se dirige à parte sã do Ego, e que pode ser por esta assimilada, não prova, em cada caso, que a parte sã sempre esteja em condições de superar os limites e as resistências do paciente contra a assimilação de interpretações diretas. A diferença entre as interpretações diretas e aludidas se evidencia pelo fato de se tratar de apelos feitos em forma diferente, que podem atingir camadas diversas do Ego. Por sua forma mais conveniente, acho que a interpretação aludida facilita, em certas situações de análise, maior aproximação ao Ego especialmente fraco e, assim, oferece melhor oportunidade de assimilação do que a interpretação direta.

c) Variações de interpretações em função do estado do Ego

A influência das comunicações atmosféricas se revela, na análise, pela repetição vivenciada das percepções e sensações em relação com o primeiro objeto e prova sua importância decisiva para a estruturação individual (14). Podemos observar, sempre de novo, que a transferência da relação para com o primeiro objeto se reflete e se repete na análise. Podemos imaginar também que o analista representa, em certos casos, o primeiro objeto de relação verda-

deira. Este aspecto foi assinalado por Brull na situação edipiana (a). Nos casos em que o Ego se manifesta de maneira rudimentar, a “contratransferência atmosférica” confirmativa representa não só uma condição indispensável para o processo terapêutico progressivo, como às vezes prepara e possibilita a análise posterior (12) (15). Já Freud (16) chamava a atenção para o processo preparatório da análise, levando em consideração o Ego fraco. Não são poucas às vezes em que temos que considerar este aspecto nos casos de estruturas – esquizoparanoides. As publicações acerca da psicologia do Ego, feitas, por exemplo, por A. Freud, H. Hartmann, Walder, Nunberg e Erikson (17) (18) (19) (20) (21) deixam transparecer que já existe um núcleo do Ego como parte hereditária ou que a formação do Ego já se prenuncia antes da formação da linguagem. Em determinados casos que foram submetidos a situações atmosféricas traumáticas num estágio bem remoto, de modo a perturbar intensamente a pré-formação do Ego, podemos imaginar que a parte sã do Ego não é sempre suficientemente capaz de assimilar as interpretações diretas. Esta concepção já é reconhecida, por exemplo, por Aichhorn (22), W. Reich (23), C. Eissler (9), R.J. Loewenstein (10), S. Nacht (24) e M. Balint (27).

Nesse sentido, A. Freud (25) assim se manifesta:

Modificações do procedimento terapêutico já se aplicam na análise infantil e na de delinquentes e nos *borderline-cases*. Verificamos, especialmente em relação à fraqueza do Ego, restrições da verbalização e uma maior acentuação da ação (26) (27).

M. Klein, (28) referindo-se a uma condição básica, da criança pequena e de profunda importância para o ser humano na sua convivência com os outros disse:

Esta unidade significa sentir-se plenamente compreendido, fator essencial em toda amizade, bem como nas relações amorosas felizes. Nas melhores circunstâncias, esta compreensão não necessita de palavras para ser expressa, o que demonstra que ela deriva da mais remota comunhão com a mãe no estágio pré-verbal.

d) Do aspecto de “transmissão atmosférica”

Para voltar à minha hipótese: Acho que a interpretação aludida, inclusive as alusões por certos sons, em diversas tonalidades, de caráter confirmativo, interrogativo, como sinal de atenção etc., o que corresponde no processo analítico, a uma restrição de verbalização, pode atingir o paciente na base de uma comunicação primitiva. O tom da voz, a “linguagem da voz”, as expressões mudas do analista, especialmente as expressões mímicas e por gestos represen-

tam “transmissões atmosféricas” para o paciente, que tanto podem mobilizar a “transferência atmosférica” no seu aspecto projetivo, como podem também impressionar como percepções novas. Por exemplo, as reações contratransferenciais transmitidas pela atmosfera com um caráter de solicitude, podem ser recebidas pelo paciente como algo até então desconhecido. Acho que, mesmo que a transferência de atmosferas traumáticas se manifeste corretamente no processo analítico, ainda assim não podemos compreender todas as vivências e imagens do paciente como meros “*transfer*” de suas experiências anteriores. O paciente transfere também durante, e especialmente no fim de sua análise, as experiências reais feitas com o analista. A possibilidade de percepções de transmissões mudas é, a meu ver, limitada pela posição clássica, do analista.

A “posição diagonal”, do analista, quer dizer, o fato de estar ele sentado atrás e ao lado do paciente, permite melhor do que a posição clássica, à observações de comunicações mudas expressas pela mímica, pelos gestos e tudo o que se exprime de maneira óbvia pelo motor. Acho que a “posição diagonal”, permite ao paciente tanto quanto ele necessita perceber e olhar o analista; como possibilita ao analista a melhor percepção de transmissões mudas. Veja a concepção de Th. Benedek (sentar-se atrás do paciente pode corresponder a uma fuga do analista (29)).

VI – A interpretação aludida em função do processo de amplificação e de clarificação

a) Considerações de caráter geral

O processo de amplificação representa um procedimento terapêutico, que deve possibilitar ao paciente a percepção e memória em níveis inconsciente e pré-consciente de suas experiências traumáticas, especialmente aquelas sofridas por influências atmosféricas do estágio pré-verbal: Trata-se de engramas remotos que, em geral, se manifestam em sonhos de caráter simbólico, em sensações psicofísicas, em imagens obscuras e angústias vagas não focalizáveis e em vivências persecutórias e alucinatórias. Amplificação e clarificação, relacionadas ao tema presente, tem o sentido especial de oferecer ao paciente uma condição que lhe possibilite antes do reconhecimento consciente, ampliar e aprofundar a nova percepção a memória vagamente sentida e a revivência difusa de suas reações patológicas, bem como também a percepção de suas determinações principais. A clarificação, como processo concomitante da amplificação, corresponde a um “esclarecer” o que é desconhecido, (reprimido),

vago, difuso, “escuro”, através de percepções e sentimentos memorizados. A amplificação determina e se engrena com a clarificação. Se o paciente consegue, na situação analítica pela revivência difusa, amplificar e aprofundar as suas experiências traumáticas – seja por conclusão própria, seja em função das interpretações intencionalmente feitas com esse objetivo – resulta desse procedimento, de certa maneira a clarificação do “por quê” e do “para quê” de suas reações e atitudes específicas que facilita posteriormente a elaboração consciente. Com base em minha experiência, parece-me produtivo para o processo terapêutico deixar em aberto durante um certo tipo de análise as sensações e imagens primitivas, principalmente as projeções de caráter arcaico, a fim de amplificar e de aprofundar a memória e revivência difusa. Falando de outro modo: para conseguir maior elaboração parece mais vantajoso, do ponto de vista terapêutico, não conscientizar logo, por interpretações imediatas, o que se passa no processo psíquico. A memória sentida, a revivência obscura, difusa, diminuem a tenacidade da defesa e facilitam de modo crescente, a futura compreensão e reconhecimento amplo e profundo.

Acho que a interpretação direta, imediata, que não leva em conta, por exemplo, o “*timing*” adequado de uma imagem de perseguição, que logo relaciona o impulso ao objeto, pode levar a uma conscientização prematura, de modo a limitar a amplificação da memória sentida; ao passo que a interpretação aludida³, oferece maior possibilidade para amplificação, clarificação e elaboração de atmosferas e situações traumáticas.

O reconhecimento consciente de reações patológicas e suas repercussões e consequências, nas relações objetais necessita, para se tornar um “*insight*” verdadeiro de uma ampla e profunda memória sentida, a uma revivência difusa anterior. Em outras palavras: O “*insight*” conseguido, sem a memória vivenciada ampla e profunda não parece suficientemente produtivo para o processo terapêutico.

M. Klein se refere à memória sentida da seguinte maneira:

Tudo isto é sentido pela criança de maneira muito mais primitiva do que a linguagem pode exprimir. Quando estas emoções e fantasias pré-verbais são revividas na situação transferencial, elas aparecem como “memórias em sentimentos” e são reconstruídas e postas em palavras com auxílio do analista.

O reconhecimento consciente de fatores e determinações psíquicas pode corresponder à compreensão intelectual e não a revivência produtiva, fato que encontramos em virtude especial, não só raras vezes na análise de formação,

3. Mais concentrada na revivência difusa do que na conscientização imediata.

como na de outros casos não virgens, isto é, de pessoas que conhecem a doutrina psicanalítica. Os apelos feitos às camadas arcaicas através de interpretações lógico-discursivas correm perigo, de um lado por não serem assimiladas, por causa de sua contribuição lógica; e de outro lado, por fornecer ao paciente recursos e elementos para sua defesa intelectualizadora. A interpretação aludida evita a exclusiva compreensão intelectual e diminui assim a defesa.

b) Da concentração nas comunicações atmosféricas para amplificação e clarificação

A influência e comunicação atmosféricas, conseguidas pelas interpretações aludidas ocasionam, como já foi dito, a remobilização de sensações e imagens arcaicas de maneira difusa, obscura. A memória sentida de engramas bem remotos, mobilizada pela influência atmosférica de interpretações em poucas palavras, por palavras isoladas e sons, pela “linguagem da voz” e por expressões mímicas, que se aproximam e apelam pela sua forma pré-lógica, para sensações e imagens primitivas, representa uma condição decisivamente importante para o processo de amplificação, aprofundamento e clarificação das vivências psíquicas. Comunicações atmosféricas como aquelas que se exprimem por gestos espontâneos, por sua acentuação especial na enunciação da palavra podem transmitir à atmosfera um significado terapêutico essencial.

As transmissões, percepções e vivências atmosféricas têm especialmente para o recém-nascido e para a criança antes do início da descoberta das capacidades próprias, uma significação decisiva para o seu desenvolvimento e estruturação. A transmissão atmosférica de todos os elementos, específicos de aspectos pessoais da mãe para com a criança, as radiações atmosféricas da sua disposição psíquica, por exemplo, percebida de modo intenso no contato epidérmico, representa a meu ver, para a criança um fator tão decisivo para sua evolução presente e futura, quando suas experiências orais em sentido concreto. Levando-se em conta essas influências marcantes, no primeiro e segundo estágio do desenvolvimento da linguagem, podemos imaginar que função importante desempenha a comunicação atmosférica tanto na percepção mnemônica como também nas percepções desconhecidas, novas para o decurso e para os resultados do processo analítico.

A existência de comunicações atmosféricas nas análises se compreende por si mesma; acho, porém, que a exposição deste fenômeno, não é ainda tão considerada conhecida e documentada quanto parece necessário. Do mesmo modo, encontramos nas publicações sobre a contratransferência, sobretudo sua descrição e a justificada advertência sobre a necessidade de controlá-la e

elaborá-la criticamente. Raramente se fala, entretanto, de sua aplicação consciente e produtiva, bem como do aproveitamento de suas correspondentes comunicações e influências atmosféricas na análise (30). A meu ver, a aplicação de comunicações e influências atmosféricas conscientemente percebidas e expostas, representa um meio terapêutico pessoal da mesma importância que os conhecimentos teóricos. Apesar da necessidade de respeitar a abstinência, que nos coloca numa posição “neutra”, reservada, não podemos negar a nossa participação humana na análise, que se transmite de maneira atmosférica.

A atenção consciente às atmosferas existentes, tanto as transmitidas pelo paciente como as que surgem no analista, bem como a sua aplicação terapêutica crítica representam, a meu ver, um recurso produtivo, especialmente para a amplificação e clarificação do processo analítico.

c) A repetição do material e a alusão a “pontos de referência” no interesse da amplificação e da clarificação

Um método para amplificar o processo terapêutico consiste em repetir de maneira contemplativa o “existencial” da comunicação do paciente, tanto do material atual, oferecido no momento, como do material anterior. A repetição do que o paciente comunica como num “estado flutuante”, pode possibilitar ao analista percepções importantes de condições e relações do que está em vigor e do que até então ainda não foi verificado. A repetição do material pode também transmitir ao paciente uma atmosfera de “receptividade passiva”, fato que diminui a defesa em certos casos e fases da análise, especialmente na neurose obsessiva. A preparação do contato com o paciente seja em início de análise, ou em cada sessão, muitas vezes não se realiza pelas interpretações imediatas do primeiro material. Quanto à “disposição receptiva” do analista, a repetição do material atual e também do significativo das sessões anteriores, possibilita ao paciente a percepção da sequência das sessões e assim, uma vivência de continuação e não de interrupção. A disposição receptiva transmite ao paciente uma atmosfera de neutralidade benevolente dentro do qual ele pode desabrochar e a que se pode entregar; ao passo que a interpretação imediata pode provocar uma distância extrema em virtude da mobilização da defesa intensa demais.

A aceitação desta concepção não significa que, em determinados casos, e situações de análise, a disposição receptiva seja contraindicada, como por exemplo, nas fases de submissão e quando de outras defesas, como a fuga em reações fleumáticas ou em reações de evitação.

Observamos, que muitas vezes, em função de interpretações diretas e imediatas, o paciente se defende das mobilizações do inconsciente, sentidas

como perigosas demais. Se o analista repete o material, indicando com algumas palavras os elementos válidos compostos, ele pode ser de certa maneira vivenciado pelo paciente, como o seu Ego, exteriorizado, porém presente; segundo as minhas experiências este fato diminui a defesa⁴.

A repetição do material em relação aos “pontos de referência”, introduzidos na análise com significados já conhecidos, como simbolizando situações e reações determinadas, específicas do paciente, servem para estabelecer sempre de novo, relações de modo aludido. Tais pontos de referência podem ser encontrados em sonhos simbólicos, em vivências e imagens específicas que revelam, de modo bem ilustrativo, condições decisivamente importantes para o desenvolvimento específico. Assim, a título de exemplo, uma paciente minha, educada segundo a norma categórica do “deve ser” desde a primeira infância, teve o sonho seguinte: “Andava numa linha reta, não podendo olhar para os lados. Sentia um cansaço doloroso, como se estivesse carregando um peso enorme; mas devia andar na linha, que a impressionava como os trilhos de um trem”.

Quando essa paciente lutava contra seus impulsos, na mobilização da angústia, bastava a alusão ao ponto de referência: “está mais uma vez nos trilhos...” ou “não pode olhar para os lados...” ou “o cansaço, o peso doloroso dos trilhos...” para interpretação.

Pela repetição do material, inclusive das alusões simbólicas acerca de situações específicas possibilitamos ao paciente que perceba nossa solicitude, o nosso “estar ao seu lado” acompanhando-o e guardando suas comunicações e vivências. Em concordância com Eissler, acho que a repetição do material do paciente pode corresponder a um equivalente da interpretação.

d) Reconhecimento próprio possibilitado pela amplificação e clarificação

O processo de amplificação e de clarificação inclui também um outro aspecto terapêutico valioso. Se o analista possibilita ao paciente, durante bastante tempo, um certo estado flutuante, de “procura no escuro...” a revivência difusa e reprodutiva, de modo que não seja de imediato forçada a conscientização pela comunicação interpretativa, pode oferecer ao paciente oportunidade de conseguir de modo espontâneo o reconhecimento de um elemento, ou de uma condição psíquica importante. O fato de o paciente vivenciar a sua

4. A interpretação direta, à concepção da reflexão especial do Ego no analista pela repetição contemplativa do material do paciente posta em relações correspondentes de caráter esclarecedor necessita um estudo mais amplo.

capacidade de concluir e de reconhecer certas determinações e consequências de suas reações típicas, tem um valor especial para o seu estudo psíquico. A vivência da capacidade própria diminui a dependência extrema ao analista que é sentido, sobretudo como uma instância superior, porque é ele que conduz evidentemente a análise. O reconhecimento espontâneo do paciente transmite a este um sentimento mais intenso de força do Ego, do que o “*insight*” conseguido pelas constantes interpretações diretas que visam a conscientização⁵. A possibilidade que se oferece ao paciente de amplificar, aprofundar, clarificar e reconhecer no processo psíquico através de memória sentida, não dispensa que o analista esclareça em outros momentos da análise, sempre de novo por interpretações diretas, as determinações básicas responsáveis pelo seu desenvolvimento patológico, principalmente quando se refere à voracidade, à inveja e ódio arcaico e os seus consequentes sentimentos de culpa, e de angústia específicos.

e) Aspectos especiais da interpretação aludida, em relação com a dosagem, preparação, focalização simultânea de determinações diferentes e sua influência sobre a reabilitação motora no processo da amplificação e clarificação.

A interpretação aludida permite, de maneira especial, pela sua forma não afirmativa e imprecisa, a dosagem e preparação no processo terapêutico. Alusões com poucas palavras, que se referem aos aspectos diversos do processo analítico, possibilitam a sondagem, não só do que predomina no momento atual, como também preparam a percepção de determinações múltiplas de impulsos, afetos, angústias, sentimentos de culpa e defesas.

Por exemplo, as interpretações aludidas concentradas em impulsos opostos, na ambivalência acentuada, diminuem, segundo pude verificar, a tensão ambivalente e deixa transparecer e intensificar-se o afeto mais forte.

A “alusão interpretativa”, às determinações das possibilidades diferentes de comunicações e reações do paciente, amplifica o campo de percepções e, assim, evita restrições. O paciente pode agarrar-se a um só elemento interpretado tornando a interpretação um escudo para maior defesa. A interpretação aludida, deixando em aberto quais sejam as imagens, impulsos e afetos a que se dirige, e não afirmando diretamente qual o elemento em apreço, possibilita de maneira especial a amplificação do processo terapêutico. Se o paciente, pelas interpretações aludidas aos aspectos diversos reage com sensações vagas

5. Depois de escrito o presente trabalho, deparei-me com a concepção correspondente de M. Balint em “*examination of no verbal analytic interventions*” (26).

demais, que se manifestam em angústia intensa, então serviram as interpretações aludidas como preparação para a interpretação direta dessa angústia. Pelo caráter de sondagem das interpretações aludidas podemos perceber melhor não só o que está em foco na mobilização, como também as suas determinações e relações diferentes.

A interpretação direta feita em caráter constante e automaticamente afirmativo pode produzir reações defensivas tão intensas que a consequente análise da defesa conduz à resistência crônica. A interpretação aludida pode diminuir a defesa, em estados de resistência fora do comum, porque o paciente não percebe tão rapidamente a focalização da interpretação e não teme tanto a afirmação pronunciada, de seus impulsos perigosos e sentimentos de culpa, como pode acontecer na interpretação direta.

Assim como o acusado perante o tribunal tem, via de regra, maior possibilidade de se defender, se o juiz ou promotor entram na exploração de seus atos criminosos de maneira imediata e afirmativa; do mesmo modo o paciente que tem demasiado temor de seus maus impulsos e intenções inconscientes, poderá melhor se defender, em certas situações da análise, se as interpretações forem imediatas e não aludidas.

A interpretação aludida, por sua forma especial em poucas palavras, relacionadas aos elementos primitivos, tem, se for necessário, mais possibilidade de criar para o paciente uma atmosfera apaziguadora, que lhe permite aproximar-se.

A focalização da interpretação aludida, no aspecto mutativo do “aqui e agora” diminui as resistências contra a aceitação de interpretações de aspecto transferencial, pela sua concentração nas percepções atmosféricas do que houve naquele tempo e na situação atual.

Um outro aspecto que se revelou durante as experiências com as interpretações aludidas foi a sua possibilidade de em virtude de sua forma pré-lógica e deliberadamente imprecisa, mobilizar a capacidade de reação motora. Em casos nos quais prevalecia a intelectualização, observei que frequentes interpretações aludidas, por não serem utilizáveis pela disposição lógica do paciente, ocasionaram tensões intensas, que se desencadearam e produziram reações espontâneas, manifestadas através do sistema motor; fato este que permitiu a análise com êxito das atitudes em tais situações.

A experiência em dois casos de neurose obsessiva, e em diversas fases obsessivas de outros casos, mostrou como se conseguiu, pelas interpretações aludidas a diminuição de defesa, especialmente da intelectualização, e também como se possibilitou uma brecha de defesa na rigidez e no automatismo, ex-

presso de modo óbvio, pelo porte corporal, e pelo modo de falar. Outras observações correspondentes poderiam contribuir para a significação da variação da técnica analítica, pelas interpretações aludidas, na neurose obsessiva. Torna-se evidente que a interpretação aludida, devido ao seu aspecto pré-lógico tanto quanto a focalização como quanto à forma e por isso menos controlável e inesperada, pode representar, para o modo de vivenciar do paciente, um momento de surpresa, fato de importância na análise de neurose obsessiva.

Um aspecto de surpresa se evidencia também em outros casos, nos quais a interpretação aludida ocasionou protestos agressivos, erupções de cólera e ataques contra mim, que correspondiam a manifestações de ódio arcaico, vivenciado de maneira projetiva, em função de ameaças de situações vagas, de isolamento e abandono.

VII – Do aspecto dinâmico da interpretação aludida, aplicada na análise como variação de técnica analítica

Como a monotonia das reações do paciente, condicionada, por exemplo, pela “compulsão de repetição” impede seu dinamismo, existe ao meu ver, da parte do analista, o perigo de limitações sérias no processo terapêutico, pela aplicação frequente de “Interpretações padronizadas”. Pode-se bem imaginar que as repetições das manifestações dos mecanismos psíquicos, na análise, sempre interpretadas de modo direto e imediato, e sempre iguais na concepção, na focalização e na formalização, correm o risco de se tornarem monótonas. Interpretações desse tipo podem às vezes ser observadas em candidatos que iniciam sua supervisão. As sensações de abandono no fim da semana, por exemplo, interpretadas sempre de novo em formulações mais ou menos semelhantes podem ser percebidas pelo paciente como repetições monótonas, que limitam e bloqueiam a revivência sentida do abandono na hora da análise. A interpretação direta que focaliza de maneira exclusiva o aspecto transferencial, pode influenciar o processo terapêutico de modo unilateral. Acho que em certos casos e em certas situações da análise, se pode respeitar melhor o aspecto dinâmico da mesma, através de interpretações aludidas. Esta forma de interpretação parece permitir maior flexibilidade das percepções e reações tanto para o paciente como para o analista e desta maneira, torna-se, portanto, mais apto a acompanhar as sutilezas e variações do processo analítico.

Palavras finais

Algumas concepções do presente trabalho estão apenas indicadas e constituem uma nota prévia de uma publicação em preparo. A importância da influência atmosférica no processo analítico e na vida comum necessita também de um estudo mais elaborado, principalmente com relação a sua derivação e significação ampla e profunda, tanto no nível pré-lógico como no nível elevado, emocional e espiritual, do ser humano. Referindo-me a Eissler que introduziu o termo “forma de interpretação” (9) assinalando o fato de não existirem leis comuns para a técnica analítica acho que a escolha da forma de interpretação se deriva decisivamente da sensibilidade, do tato, da espiritualidade especial, inclusive da disposição artística do analista, baseado no conhecimento próprio (*self insight*). A individualidade madura, quer dizer, crítica, decide afinal qual é a forma de interpretação correspondente e adequada, na situação psíquica especial e individual do paciente. A aplicação constante de concepções e interpretações apoiadas demais na técnica de uma corrente dentro da psicanálise a meu ver corre perigo de desrespeitar o fator individual, e pode ser, em extremo, consequência da insegurança, inclusive da angústia inconsciente do analista. Como última observação, permito-me assinalar que a crítica, oposta a determinadas concepções ou hipóteses significa, às vezes, não a justeza dessa crítica, mas a importância daquilo que se pretende criticar.

a) Considerações ontogenéticas sobre a origem e a necessidade vital da comunicação verbal.

b) Considerações sobre a função e alvo da linguagem e sua comparação em diferentes níveis, condicionados pelos fatores sociais e culturais.

c) Comparação da linguagem primitiva, tanto a da criança pequena, como com a do “primitivo”, e com a linguagem dos animais.

d) Considerações sobre a comunicação verbal em seus aspectos espirituais e artísticos, etc.

Referências

- 1) BÜHLER Ch. “*Kindheit und Jugend*” / Leipzig 1928 (Infância e Juventude).
- 2) BÜHLER K. “*Die geistige Entwicklung des Kindes*” / Jena 1930 (O desenvolvimento espiritual da criança).
- 3) HETZER H. “*Kind und Jungendlicher in der Entwicklung*” / Hannover 1948 (Criança adolescente na evolução).

- 4)DÜHRSEN A. “*Psychogene Krankheiten bei Kindern und Jugendlichen*” / Göttingen 1954 (Doenças psicógenas de crianças e adolescentes).
- 5)SPITZ R. “Nein und Já” - Die Ursprünge der Ursprünge der menschlichen Kommunikationen - Stuttgart 1957 (“Não e sim” - As origens das comunicações humanas).
- 6)BINSWANGER, L. A. “Weisen der sprachlichen Kommunikation und ihre Einschränkungen auf symbolische Ausdrucksweise>> / *Psyche H.* 1960 (Modalidades da comunicação verbal e suas restrições à expressão simbólica).
- 7)MEAD, M. “From the South Seas”.
- 8)EISSLER, K. R. “Variationen in der analytischen Technik>> / *Psyche* 1960 (Variações na técnica analítica).
- 9)LOWENSTEIN, R. M. “Bemerkungen zu Variationen der psychoanalytischen Technik” / *Psyche* 1960 (Anotações sobre variações da técnica psicanalítica).
- 10)BIEBRING, E. “Verchiedene Typen der therapeutischen Intervention”/ *Psyche* 1960 (Tipos diferentes de intervenção terapêutica).
- 11)REICH, A. “Eine spezielle variante in der psychoanalytischen Behandlung”/ *Psyche* 1960 (Uma variação especial no tratamento psicanalítico).
- 12)FENICHEL, O. “Allgemeine Neurosenlehre>> /Kap. Zwangsneurose S. 140 / *Psa. Verlag Wien* 1931 (Ensino Geral da Neurose – Cap. Neurose Obsessiva).
- 13)SPITZ, R. “Desenvolvimento emocional do recém-nascido” / Rio 1959 (Die Entstehung der ersten Objektbeziehungen).
- 14)SECHEHAYE M.A. “Die symbolische Wunscherfüllung” / Huber- Bern – 1955 / (Realização simbólica de desejos).
- 15)FREUD, S. “Bemerkungen über einen fall Von Zwangsneurose” / *Int. Psa. Verlag-Ges. Schriften* / S. 183/1924 (Anotações sobre um caso de neurose obsessiva).
- 16)FREUD, A. “Das Ich und die Abwehrmechanismen” / *Int. Psa. Verlag Wien* 1936 (O Ego e seus mecanismos de defesa).
- 17)HARTMANN, H. “Ichpsychologie und Anpassungsproblem”/ *Imago/ 1939 / Psyche* 1960 (Psicologia do Ego e problema da adaptação).
- 18)Walder R. “Das Prinzip der mehrfachen Funktionen”/ *Int. Z. F. Psa. XVI* 1930 (O princípio das funções múltiplas)
- 19)NUNBERG. “Die synthetische Funktion des Ich” / *Int. A. F. Psa. XVI*-1930 (A função sintética do Ego).
- 20)ERIKSON, E. “Kindheit und Gesellschaft”/ Klettverlag/1961 (Infância e Sociedade).

- 21) AICHHORN, A. “Verwahrloste Jugend” / *Int. Psa.* Verlag 1925 (Juventude delinqüente).
- 22) REICH, W. “*Charakter Analyse*” / Selbstverlag 1933 (Análise de caráter).
- 23) NATCH, S. U. Vidermann S. “Von der Preobjektwelt in der Übertragungsbeziehung” / *Psyche* 11/1961 (Do mundo preobjectal na relação tranferencial).
- 24) FREUD, A. “On Adolescence” / *Psychoanalytic Study of the child* vol. XIII, 1960. (Problemas da puberdade).
- 25) BALINT, M. “Examination of Non-Verbal Analytic Interventions” / *Deutsches Jahrbuch f. Psa.* 1960/ vol. II.
- 26) BALINT, M. “*Thrills and regressions*”, Havard Press – 1959 (Emoções e regressões).
- 27) KLEIN, M. “*Envy and Gratitude*” edição Espanhola, pág. 124.
- 28) BENEDEK, Th. “Dynamics of the Counter-Transference. *Bull. Menninger Clinic* – vol. XVII, 1953.